

A Tradução Intercultural e seus desafios: uma questão para os Estudos da Linguagem ou para os Estudos Culturais?

Marcela Iochem Valente

Doutoranda em Letras/Tradução pela PUC-Rio. Bolsista da CAPES. Mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. e-mail: teachermiv@hotmail.com

Rafael Machado Guarischi

Mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. e-mail: rmgrj@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho pretende analisar aspectos relativos às intersecções entre os Estudos Literários, Culturais e de Tradução - neste caso, especificamente a Tradução Intercultural. Inicialmente iremos apresentar uma base teórica com o objetivo de mostrar a relação entre as três áreas. Em seguida, vamos trabalhar com análises de alguns trechos das obras *The Bluest Eye*, da autora afro-americana Toni Morrison, e *The Color Purple*, da também afro-americana Alice Walker. Tais análises têm o objetivo de exemplificar os conceitos teóricos apresentados e a articulação existente entre eles. Desta forma, pretendemos mostrar a importância da Tradução Intercultural e levar à conscientização de que em vez de tentarmos separar os Estudos Tradutórios dos Culturais, ou de termos uma visão preconceituosa quanto à tradução apresentado-a como inerente apenas aos Estudos da Linguagem, devemos unir forças e conhecimento para alcançarmos trabalhos de melhor qualidade e mais conscientes dos aspectos culturais que entremeiam tal tipo de literatura.

Palavras-chave: 1. Tradução intercultural. 2. Estudos culturais. 3. Estudos literários.

Abstract: This paper intends to analyze some of the existing intersections among Literary, Cultural and Translation Studies - in this case, particularly Intercultural Translation Studies. Firstly, we are going to present a brief theoretical panorama in order to show the relation among the three studied areas. Then, some extracts from Toni Morrison's *The Bluest Eye* and Alice Walker's *The Color Purple* are going to be taken into consideration in the light of the theory presented. Such analyses intend to illustrate the theoretical concepts presented showing the intersection points among them. Finally, we intend to show the importance of Intercultural Translation in the current academic setting being aware that instead of trying to separate Translation Studies from Cultural Studies pointing translation as part of Language Studies, and only that, we shall unite knowledge in order to achieve conscious works aware of the intercultural aspects that are embedded in such literature.

Key-words: 1. Intercultural translation. 2. Cultural studies. 3. Literary studies.

No cenário acadêmico atual, pode-se dizer que ainda há uma forte tendência a considerar os Estudos de Tradução como parte dos Estudos da Linguagem, o que os torna totalmente desvinculados, desta forma, dos Estudos Literários. Tal tendência baseia-se na crença de que a tradução seria uma atividade limitada somente a transpor

para uma outra língua as palavras de um determinado autor. No entanto, tal opinião necessita ser revista e, de fato, tem sido nos últimos tempos.

Nas duas últimas décadas, os Estudos de Tradução têm tomado um outro rumo, de forma que a preocupação exclusiva com os aspectos linguísticos vem dando lugar à atenção com os problemas de ordem intercultural. Dentro deste contexto, é importante lembrar que, como afirma a professora Susan Bassnett – pesquisadora da área na Universidade de Warwick no Reino Unido –, “a tradução não acontece no vácuo, [e] sim em um contínuo; ela não é um ato isolado, mas parte de um processo de transferência intercultural”¹ (BASSNETT, 1999, 2). De acordo com este ponto de vista, percebemos então, que os estudos tradutórios vêm alcançando uma dimensão muito mais ampla e abrangente.

Sabemos hoje que algo indispensável à Tradução Intercultural é a influência dos Estudos Culturais; na verdade, alguns teóricos da área consideram a Tradução Intercultural como sendo uma ramificação de tais estudos. Isso se faz claro ao considerarmos, por exemplo, que ambas as áreas trabalham com o contato entre diferentes culturas, contato este que tem como mediador a tradução. Além disso, é importante lembrar que a tradução exige um profundo conhecimento das culturas alvo e fonte assim como da história dos povos em questão. Pesquisadores dessa linha, como a professora Bassnett, dizem que olhar para a Tradução significa estar profundamente comprometido com questões relativas à interação cultural, isso porque a tradução é um processo inserido em sistemas políticos e culturais assim como na história. Por tudo isso, o tradutor precisa também estar inserido no contexto em que está trabalhando.

No livro *Post-Colonial Translation: Theory and Practice*, encontramos constantes relações entre Literatura Pós-Colonial e Tradução Intercultural. Nele, temos uma extensa análise e uma interessante comparação entre as duas áreas de estudo, em que Bassnett afirma que, como a Literatura Pós-Colonial, a Tradução Intercultural exige um detalhado estudo das culturas em questão para tornar possível ao tradutor ser capaz primeiramente de entender o que está acontecendo naquela obra e, posteriormente, de encontrar equivalentes para aquele fenômeno na língua e cultura alvo. Ela também diz que “transpor os gêneros e formas literárias, assim como provérbios e metáforas da cultura alvo para a fonte será igualmente problemático e desafiador para tradutores e escritores pós-coloniais” (BASSNETT, 1999, 30). Além da professora Bassnet, podemos citar outros teóricos, como Maria Tymoczko – professora de literatura comparada na universidade de Massachusetts – que diz que o foco da Tradução Intercultural e da Literatura Pós-Colonial são muito próximos, já que ambos se ocupam com a transmissão de elementos culturais, e são afetados por um processo de recolocação.

Devido à tamanha importância de tal estudo, até mesmo renomados teóricos dos Estudos Culturais como Homi Bhabha já o consideraram. No artigo *How Newness Enters The World: Postmodern Space, Postcolonial Times and The Trials of Cultural Translation*, Bhabha diz que o hibridismo do sujeito pós-colonial marca a identificação com as diferenças culturais, e estas são definitivamente intraduzíveis. Segundo ele,

as culturas migrantes dos ‘espaços em transição’ – a posição da minoria – dramatizam a impossibilidade da tradução de culturas; e assim sendo, levam a questão da apropriação de culturas além do sonho assimilacionista, ou do pesadelo racista, de uma ‘total transmissão do assunto sujeito’; e em direção ao encontro com o processo ambivalente de divisão e hibridização que marcam a identificação com diferenças culturais (BHABHA, 1994, 321).

Embora a *tradução cultural* seja apontada como impossível pelo autor, Bhabha também diz que a tradução tem extrema relevância e é uma forma de mediar relações interculturais entre países, além de ser uma ponte para a transmissão cultural entre

¹ Todas as traduções de fonte em língua inglesa foram feitas de forma livre pela autora.

nações. De acordo com o autor, em nosso mundo globalizado e cheio de modificações, existe a constante necessidade de adaptação, e esta acontece, muitas vezes, por meio da tradução, não só em se tratando de linguagem, mas também em relação ao sujeito em questão.

Alguns autores como, por exemplo, Robins, dizem que, “a globalização, como dissolve as barreiras da distância, faz com que o encontro entre o centro colonial e a periferia seja imediato e intenso” (ROBINS, 1991, 25), com isso dando origem a um sujeito fragmentado e de identidade subjetiva. Ao abordar questões relativas a tal sujeito – o pós-colonial – Stuart Hall diz que por esse sujeito ser “produto[s] das novas diásporas criado[s] pela migração pós-colonial, tem que aprender a conviver com no mínimo duas identidades, a falar duas línguas culturais, a traduzir e negociar entre elas” (HALL, 1996, 629).

No caso específico das literaturas de minorias – como escritores chicanos, afro-americanos, entre outros – o aspecto intercultural da tradução não só é necessário, como indispensável. É bastante difícil alcançar uma boa tradução desse tipo tão especial de literatura sem se ter consciência dos aspectos culturais envolvidos. Se o tradutor não tiver consciência das marcas culturais presentes no texto em que ele está trabalhando, ele não conseguirá achar equivalentes adequados na língua alvo. Além disso, essas obras têm muitas características peculiares como, por exemplo, o hibridismo cultural do sujeito diaspórico, a fragmentação desse sujeito dividido entre suas origens e o novo mundo em que ele está inserido, além de sua constante dúvida entre a assimilação do novo ou a resistência e manutenção de suas origens. Uma tradução que desconsidere esses traços empobrecerá drasticamente a obra na língua alvo, fazendo com que esta, muitas vezes, tenha o seu sentido bastante comprometido.

As obras de escritoras afro-americanas, nosso foco de análise, trazem muitos desafios para seus tradutores, tendo em vista que, por meio delas, muitas autoras expressam a realidade vivida pelo seu povo, e para isso utilizam, diversas vezes, uma linguagem específica de determinada comunidade, com marcas culturais peculiares de uma determinada região. Para a tradução dessas obras, é absolutamente fundamental que o tradutor tenha consciência do grande valor e importância da Tradução Intercultural, sendo “mais do que conhecedor de suas línguas de trabalho, mas também da cultura dos países falantes daquelas línguas” (VALENTE, 2006, 29) e estando atento a todos os pontos previamente apresentados. É ainda necessário mencionar que, em se tratando de tal literatura, muitos são os desafios encontrados no que diz respeito à tradução, devido à complexidade dos enredos e principalmente dos personagens. Tais problemas têm origem, em grande parte, no forte papel social exercido por esse tipo de literatura, o que faz com que essas obras representem um poderoso instrumento de expressão da comunidade em questão.

Considerando a breve abordagem teórica trazida até então, apresentaremos e analisaremos alguns trechos retirados das obras: *The Bluest Eye*, de Toni Morrison, e *The Color Purple* de Alice Walker. Essas análises serão focadas nas dificuldades e nos obstáculos encontrados no processo de tradução dos mesmos, que residem não apenas em fatores linguísticos, mas principalmente em fatores sociais, culturais, ideológicos, entre outros, que são essenciais nessas obras. Por meio de tais análises, pretendemos reforçar a importância da Tradução Intercultural e mostrar suas intersecções com os Estudos Culturais e Literários.

Exemplos de Desafios da Tradução Intercultural

Com relação a *The Bluest Eye*, o primeiro desafio para o tradutor será o próprio título, uma vez que no original, em inglês, ele tem uma ambiguidade fundamental dentro do contexto da narrativa. Tal ambiguidade está localizada na palavra “bluest”, o superlativo de “blue”, que em inglês pode ser entendido como a cor azul ou como um

sentimento de tristeza e melancolia. Desta forma, a referida ambiguidade reside no fato de a personagem central da história, Pecola, desejar ardentemente ter olhos azuis – o que seria o modelo de “menina bonita”, seguindo o estereótipo do colonizador, exatamente oposto ao dela – o que vem a ser a causa de uma forte tristeza para a personagem ao longo do livro. Em português, porém, não há a possibilidade de traduzir essa ambiguidade, pois o termo “azul” não tem o sentido de “triste”. Dada essa situação, ou se mudaria completamente o título em português tentando-se apresentar ambos os sentidos, ou simplesmente se optaria por um dos dois significados. Ainda assim, independentemente de qual fosse a escolha realizada, poderíamos afirmar que as opções possíveis para a tradução desse título não seriam capazes de retratar fielmente a ambiguidade presente no título em inglês, fato que seguramente já representaria uma grande perda para a tradução.

Todavia, estando consciente da importância da Tradução Intercultural, o tradutor da referida obra, mesmo não conseguindo um equivalente para o título, teria a preocupação de expressar e destacar essa ambiguidade no decorrer da história devido a sua extrema importância para o enredo. Isso de fato foi o que aconteceu na tradução. A obra foi traduzida como *O olho mais azul*, não expressando o duplo sentido do inglês. No entanto, por ter compreendido tal ambiguidade, o tradutor da obra conseguiu expressar essa ideia ao longo da narrativa de forma extremamente clara, reforçando então o duplo sentido que não pôde ser mostrado no título. Tal situação certamente reforça a importância do elemento intercultural da tradução, sem o qual seria muito mais complicado realizar uma tradução que desse conta (mesmo que não totalmente) dos aspectos culturais e identitários presentes no livro, que podem ser vistos com mais clareza na personagem principal.

Além disso, não podemos nos esquecer de que, como afirma Stuart Hall, “o sujeito, previamente visto como tendo uma identidade fixa e estável, está se tornando fragmentado; composto, não por uma única, mas por várias, algumas vezes contraditórias ou indefinidas identidades” (HALL, 1996, 598). Esse é exatamente o caso de Pecola. Uma tradução que não considere tal elemento seguramente irá, de alguma maneira, deformar ou mesmo não ser capaz de expressá-lo de forma adequada.

Um exemplo bastante claro da massificação das características culturais durante o processo de tradução levando a muitas perdas pode ser visto, algumas vezes, no trabalho de legendagem. Embora não venha a ser nosso objeto de pesquisa, vale citar para fins de esclarecimento, que nos filmes em que temos personagens como Pecola, raramente temos a consciência desse aspecto intercultural. No filme *A Raisin In The Sun*, por exemplo, cujo título foi traduzido como *O Sol Voltará a Brilhar*, temos uma personagem extremamente fragmentada – Beneatha – cuja linguagem utilizada mostra muito dessa situação “entre-culturas” vivida por ela. Há momentos em que a personagem mostra uma constante busca pelo seu “eu” e suas origens, assim sendo, utilizando o *ebonics* – popularmente conhecido como *Black English*. Em outros momentos, no entanto, quando ela está inserida no contexto do colonizador - como na faculdade ou em reuniões entre os brancos – o *Standard English* é utilizado por ela, algumas vezes até mesmo com um tom extremamente formal e rebuscado². Na tradução para a legenda de tal filme, todas essas características foram perdidas e o discurso de tal personagem foi extremamente massificado. Sabemos que a tradução para legendas tem uma série de dificuldades extras e que exige muito conhecimento técnico por parte do tradutor também. Mas embora haja muitas limitações, há a possibilidade de mostrar tais traços culturais, caso eles sejam conhecidos pelo profissional que está executando a tradução.

A seguir, apresentaremos dois trechos das obras de Walker e Morrison citadas anteriormente para mostrarmos alguns desses desafios que vêm sendo discutidos até então. No caso dos trechos escolhidos, atentaremos ao registro utilizado e à importância do mesmo para o enredo:

² Ver: VALENTE, M. I. *Lorraine Hansberry & A Raisin in the Sun: Challenges and Trends Presented by an African-American Play*, 2010.

I asked our new mammy bout Shug Avery. What is it? I ast. She don't know but she say she gon fine out. (WALKER, 2003:6).

The onliest time I be happy seem like was when I was in the picture show. Every time I got, I went. I'd go early, before the show started. They'd cut off the lights, and everything be black. (...) I don't know. I 'member one time I went to see Clark Gable and Jean Harlow (...) He begin to make me madder than anything I knowed, and I couldn't keep my hands out of him... (MORRISON, 1970:123).

Nos dois trechos acima, o registro utilizado é bastante peculiar e apresenta marcas de uma determinada comunidade. Neles, temos o uso do *ebonics*, o que trará um grande desafio ao tradutor. Como traduzir? Qual seria o correspondente em português? Seria correto traduzir o *ebonics* como português utilizado por pessoas com menor grau de escolaridade aqui no Brasil? E palavras como “ast” e “gon”, como descobrir o que significam? E o desvio das regras do *Standard English* como, por exemplo: “onliest”, “knowed”, “she don't...”? E ainda peculiaridades de uma determinada cultura, como comida, costumes, objetos?

A questão relativa ao registro e ao estilo de linguagem a ser utilizado é bastante complexa, pois seria consideravelmente complicado escolher um determinado registro em português que pudesse ser equiparado àquele registro específico utilizado em inglês, uma vez que estamos tratando de duas sociedades bem distintas, com histórias, valores e realidades muito diferentes. Vale ainda lembrar que o *Black English* é um fenômeno bastante localizado na sociedade americana e que ele não tem um correspondente direto em português.

Desta forma, considerando todos os pontos apresentados e discutidos por meio da base teórica e dos exemplos supracitados e desenvolvidos, percebemos que a Tradução não se caracteriza mais por um processo meramente interlingual, mas, sim, um processo intercultural. Mais especificamente em se tratando de Tradução Intercultural – principalmente a de obras produzidas por grupos pertencentes a minorias – pudemos perceber que existe um processo bem mais complexo do que se imagina, envolvendo não apenas aspectos linguísticos, mas principalmente aspectos históricos, sociais e culturais.

Por fim, podemos dizer que a Tradução Intercultural é uma necessidade dentro do cenário acadêmico atual, não podendo ser simplesmente ignorada ou vista ainda com maus olhos. A literatura contemporânea, em especial a produzida por minorias, necessita ser analisada e traduzida por meio de novos olhares, já atentos às questões que as entremeiam e com conhecimento suficiente para entender o contexto social, cultural e político que envolve a produção dessas obras. Em vez de tentarmos separar os Estudos Tradutórios dos Culturais, ou de termos a visão preconceituosa que a tradução é uma área inerente apenas aos Estudos da Linguagem, devemos unir forças e conhecimento para alcançarmos trabalhos de melhor qualidade e mais conscientes para que assim, essas obras possam obter o reconhecimento, as análises e as traduções que elas merecem.

Bibliografia

BASSNETT, S. & TRIVEDI, H. (eds.) *Post-colonial Translation: theory and practice*. London: Routledge, 1999.

BELL, R. *Translation and translating*. Harlow: Longman, 1991.

BERUTTI, E. *Feminismos, identidades, e comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa*. Volume IV. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

- BHABHA, H. K. *Nation and narration*. London: Routledge, 1990.
- _____. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.
- GATES, H. L. *Loose Canons – notes on the Culture Wars*. New York: Oxford University Press, 1992.
- HALL, S.; du GAY, P. *Questions of Cultural Identity*. London: Sage Publications, 1996.
- HERMANS, T. *The manipulation of literature: Studies in literary translation*. New York: St. Martin's Press, 1985.
- MATTELARD, A. & NEVEU, E. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MAUFORT, M. *Staging Difference: Cultural Pluralism in American Theatre and Drama*. New York: Peter Lang, 1996.
- MORRISON, T. *The Bluest Eye*. New York: Plume Printing, 1994.
- ROBINS, K. "Tradition and Translation: National Culture in its global context", in: Bin Corner, J. and Harvey, S. (eds.) *Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture*. London: Routledge, 1991.
- RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- _____. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- SALGUEIRO, M. A. A. *Feminismos, identidades e comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa*. Volume IV. Rio de Janeiro: Europa, 2006.
- VALENTE, M. I. A tradução para legendagem e seus submercados, in: jornada de Estudos da linguagem 3, 2006, Rio de Janeiro. *Caderno de Resumos*. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.
- _____. *Lorraine Hansberry & A Raisin in the Sun: Challenges and Trends Presented by an African-American Play*. Saarbrücken: LAP, 2010.
- VENUTI, L. *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London: Routledge, 1992.
- WALKER, A. *The Color Purple*. Orlando: Harcourt, 1993.